

Poétique du traduire, de Henri
Mesconnic

Poétique du traduire, by Henri
Meschonnic

Rafael Augusto Duarte Freire^{*}

MESCHONNIC, H. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999. 480 p. ISBN : 978-2864323075

^{*} Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo. Graduação em Literatura Comparada (revalidada Letras Inglês) pelo Hamilton College, NY - EUA. Email: rafael.a.d.freire@gmail.com.

Traduzir literatura é uma atividade fascinante e complexa. O fruto desse processo tem um papel integral na malha cultural de nossa sociedade. Observa-se que a literatura traduzida está em todo canto; e não apenas a nata da literatura, da mais antiga à pós-moderna: parte do melhor, mais necessário e mais justo de todo gênero de texto criativo que lemos, seja ele religioso ou infantil, lemos em tradução. Contudo, se por um lado amamos ler livros vindos de outras línguas, por outro cultivamos um sentimento de desconfiança - sentimento este ilustrado pelo sucinto adágio *traduttore, traditore* - que compromete o nosso apreço pelas traduções. Deparamo-nos com uma espécie de fissura que separa a relação fértil de contato e convívio com as obras em si do diálogo que se tece sobre elas, nos quais várias manifestações de negatividade prevalecem. Essa fissura, em tanto que enigmática, remete a outra, que incide no fenômeno da intraduzibilidade. Traduzir poesia é, em tese, praticamente impossível, mas na prática ocorre todos os dias. A linha entre impossível e realizável é tão tênue que precisamos suspeitar de algum curto-circuito lógico. Esses paradoxos apontam para uma considerável falta de compreensão sobre o traduzir. As dúvidas, os convencionalismos, os escândalos que turvam o entendimento da tradução se alastram não apenas entre leigos mas também em círculos acadêmicos e profissionais.

É nesse contexto que gostaríamos abordar a obra *Poétique du traduire* de Henri Meschonnic. Seu objetivo de conscientização é explícito: “Trata-se aqui de pôr fim, pelo menos no plano dos princípios, a algumas ideias recebidas, recebidas, recebidas, concernentes à tradução. Particularmente a que opõe a teoria à prática, os teóricos e os praticantes.”¹ (MESCHONNIC 1999: 20, tradução nossa). Essa afirmação preconiza a amplitude de ação da obra. Ela vai contrapor as velhas ideias que se perpetuam insistente e inadvertidamente numa tentativa de harmonizar a relação entre o diálogo teórico e a rica realidade prática das

¹ “Il s’agit ici d’en finir, au moins sur le plan des principes, avec quelques idées reçues, reçues, concernant la traduction. Particulièrement celle qui oppose la théorie à la pratique, les théoriciens et les praticiens”

traduções. Se se busca apreender a teoria e a prática para além da distinção que as enquadra como conflitantes, cabe encarar o próprio fazer prático como uma espécie de teorização. Meschonnic (1999: 93, tradução nossa) escreve: “Mostrame como você traduz, eu lhe direi o que você faz da linguagem, como sua poética está situada em uma antropologia. E em uma ética.”² O pensador francês entende a tradução e seus desdobramentos como uma arena sobre a qual o desenvolvimento de investigações a propósito da linguagem é dos mais suscetíveis. Porém uma ameaça maior se insinua no outro viés da oposição como ela se encontra tradicionalmente. Trata-se das *tradutologias* que se multiplicam. Geralmente com um caráter moralizante, essas teorias se estruturam ao redor de uma deferência ao signo, isto é, sem a necessidade de refletir sobre o fenômeno linguístico em toda sua complexidade. Veremos a seguir como, a caminho da exposição de sua poética, Meschonnic propõe uma reavaliação de fôlego da maneira como habitualmente se tem discutido o traduzir.

Os primeiros alvos de sua crítica são justamente as noções mais vigentes dos estudos da tradução. *Equivalência, fidelidade, transparência, correspondência*, etc., e até mesmo a distinção entre *língua de partida e língua de chegada*³, são noções favoritas dentro do repertório daquilo que Meschonnic chama de “la langue de bois du traduire.” A propósito do conceito de fidelidade, por exemplo, Meschonnic (1999: 26, tradução nossa) pondera:

A fidelidade tem as melhores intenções do mundo. Mas ela é em si própria a primeira vítima involuntária de sua aplicação e boa consciência (...) Deplorável, e falsamente ingênua, a moralização toma o lugar da ética. Ela é o álibi variável da teratologia⁴, mas também da

² “Montre-moi comment tu traduis, je te dirai ce que tu fais du langage, comment ta poétique est située dans une anthropologie. Et dans une étique.”

³ Cf. Meschonnic, 1999 : 144.

⁴ Ver nota 2. Meschonnic (1999: 27) elucida a seguir: “a metáfora biológica implica a comparação com um corpo são e íntegro, o texto à traduzir sendo supostamente este corpo.” (“la métaphore biologique implique la comparaison avec un corps sain et intègre, le texte à traduire étant supposé ce corps”.)

cópia [*calque*]. Apesar de toda a seriedade de conhecimento ao qual ela finge se propor, ela não sabe o que faz.⁵

Já a equivalência: “(...) é uma noção para todos os fins, na tradução. Ela é tão imprecisa quanto a fidelidade. Podendo se situar em níveis diversos. Ela supõe obscuramente uma sinonímia que o discurso rejeita.”⁶ (MESCHONNIC 1999: 28, tradução nossa) Esses termos são inadequados por darem ares de neutralidade ou senso comum, quando por trás dessa aparência de imparcialidade opera uma doutrina que visa a supressão dos traços da subjetividade do tradutor. Meschonnic repara que as grandes traduções (aqui ele cita a de São Jerônimo da Bíblia Hebraica, mas alhures ele abordará outras), longe de serem transparentes, são altamente marcadas pela subjetividade do indivíduo. A doutrina subjacente na *langue de bois du traduire* em última análise não apenas não é neutra, mas afeta negativamente tanto o desenvolvimento quanto o entendimento de uma tradução. “Também o espanto diante desse espetáculo é duplo”, escreve Meschonnic (1999: 26, tradução nossa),

ao ver que os dogmas ensinados são a programação mesma da má tradução, que é a mais comum; e os quais levam tão pouco em conta as grandes traduções, que demonstram empiricamente o contrário do que se ensina.⁷

Vale notar que a postura da poética de Meschonnic pressupõe um reposicionamento ético e ideológico *vis-à-vis* da linguagem, e não meramente uma crítica terminológica. Ele entende que quando as teorias tradicionais optam

⁵ “La fidélité a les meilleures intentions du monde. Mais elle est elle-même la première dupe involontaire de son application et de sa bonne conscience (...) Piteuse, et faussement naïve, la moralisation y tient lieu de l'éthique affichée. Elle est l'alibi variable de la tétatologie, mais aussi du calque. Malgré tout le sérieux du savoir auquel elle prétend, elle ne sait pas ce qu'elle fait.”

⁶ “(...) est une notion à tout faire, dans la traduction. Elle est aussi floue que la fidélité. Pouvant se situer à des niveaux divers. Elle suppose obscurément une synonymie que le discours récusé.”

⁷ “Aussi l'étonnement devant ce spectacle est double, à voir que les dogmes enseignés sont la programmation même de la mauvaise traduction, qui est la plus courante ; et qu'on tient si peu compte de grandes traductions, qui montrent empiriquement le contraire de ce qu'on enseigne.”

pela prescrição do apagamento da subjetividade do tradutor, elas o fazem em prol da servidão ao signo. Pois quando somos *fiéis*, Meschonnic se pergunta, somos fiéis ao que se não ao signo? Como que para compensar por sua falta de fundamentação empírica, as teorias tradicionais lançam mão de universalismos ou binarismos, e os vendem sob o pretexto de limpidez teórica. A crença que unidades de significado podem ser extraídas da materialidade do dito ou escrito, e que cabe transferi-las intactas de língua a língua, não procede. Com o intuito de se passar por ciência, cheia de sua gana de exatidão, elas mascaram o fato de que a comunicação poética não é calculável ou passível de prescrições ou generalizações. O pensador francês alerta:

Traduzir segundo o signo induz uma esquizofrenia do traduzir. Um pseudo-realismo comanda que se traduza só o sentido - enquanto que nunca há só o sentido. Ele comanda a ilusão do natural - a tradução apagadora. Ele limita a poesia e o ato literário em geral à noção de forma como resíduo do que se acredita ser o sentido, segundo a palavra, geralmente, como unidade.⁸ (MESCHONNIC 1999: 23, tradução nossa)

Mas se a unidade da tradução não é a palavra, tampouco é a frase. Meschonnic associa a mudança de foco do *sentido* das palavras para o *espírito* da frase ao advento do conceito de *bèlles infidèles* cultivado no século XVIII. Para a poética, entretanto, Meschonnic (1999: 23, tradução nossa) prossegue:

A unidade (...) é da ordem do contínuo - pelo ritmo, a prosódia - e não mais da ordem do descontínuo, onde a distinção mesma entre língua de partida e língua de chegada se junta à oposição entre significante e significado. (...) Quaisquer que sejam as línguas, há apenas uma *fonte*,

⁸ “Traduire selon la régie du signe induit une schizophrénie du traduire. Un pseudo-réalisme commande de traduire le sens seul - alors que le sens n’est jamais seul. Il commande l’illusion du naturel - la traduction effaçante. Il cantonne la poésie et l’acte littéraire en général à la notion de forme comme résidu de ce qu’on croie être le sens, selon le mot, généralement, comme unité.”

que é aquilo que um texto faz; há apenas uma *meta*, fazer na outra língua aquilo que ele faz. Isso sim é realismo.⁹

Meschonnic afirma que as questões centrais do traduzir não se encontram na *língua*. A língua, assim como o signo, não deve ser dissociada de sua inclusão em uma rede maior de significância. Por isso não basta saber idiomas para ser um bom tradutor.

A linguagem literária é um ótimo exemplo para ilustrar o caso pois parte de seu poder reside em sua capacidade de tripudiar dos limites da nossa própria língua e entendimento de mundo, de remodelá-los, de jogar com nossas expectativas para enfim expandir nosso leque de experiências. O marco literário é o arquétipo do texto que propõe uma nova linguagem, a qual se articula através do idioma, mas ao mesmo tempo não cabe em si. A língua na literatura - apreendida enquanto língua sendo transformada e língua transformadora, enquanto língua que age por meio das convenções do idioma ao mesmo tempo que as frustra - apresenta um obstáculo à aceitação corriqueira do papel do tradutor cujos companheiros são o dicionário e a gramática. O problema com o tradutor “passador de línguas” é que as convenções do idioma são apenas o ponto de partida. O fazer literário finda por elevá-las (a tal ponto onde elas pareçam já não mais existir) ou mesmo abrir mão delas, aperfeiçoá-las ou negá-las, restituí-las (quando há muito esquecidas) ou reinventá-las. A literatura face à língua implica uma relação por vezes de maestria, criação ou revelação, por vezes de denúncia, subversão ou descoberta, mas sempre de transformação. Meschonnic (1999: 152, tradução nossa) corrobora:

No que parece que um texto não está *em* uma língua (*em* hebraico, *em* inglês, *em* francês, etc.) como um conteúdo em um continente. Nessa medida, não são as línguas que se traduz. Mas um discurso de uma língua. É por que o

⁹ “L’unité (...) est de l’ordre du continue - par le rythme, la prosodie - et non plus de l’ordre du discontinu, où la distinction même entre langue de départ et langue d’arrivée rejoint l’opposition entre signifiant et signifié. (...) Quelles que soient les langues, il n’y a qu’une *source*, c’est ce qui fait un texte ; il n’y a qu’une *cible*, faire dans l’autre langue ce qu’il fait. Ça, c’est du réalisme.”

discurso é a atividade histórica dos sujeitos, e não simplesmente do emprego da língua, que o texto é uma realização e uma transformação da língua pelo discurso. O que só acontece uma vez. O sujeito sendo a função e o efeito dessa transformação.¹⁰

Trata-se de uma luta contra o foco na generalidade da língua e do signo em favor da especificidade de cada obra. Os preceitos que venham de fora dessa especificidade são redutivos e possivelmente falazes. Daí resulta que o pensador francês situa o *texto* como sendo a verdadeira unidade da tradução. Recusando atribuir autonomia ao signo, à frase, à língua, ele nega também a pertinência para a tradução das questões de âmbito semântico/formal com todos os seus desdobramentos. Essa é a mola para o esfacelamento das muitas tradulologias realizado por Meschonnic, e também o fundamento sobre o qual ele desenreda sua poética do traduzir.

Data de submissão: 04/06/2016

Data de aprovação: 12/11/2016

¹⁰ “En quoi il apparaît qu’un texte n’est pas *dans* une langue (*en* hébreu, *en* anglais, *en* français, etc.) comme un contenu dans un contenant. Dans cette mesure, ce n’est pas des langues qu’on traduit. Mais un discours d’une langue. C’est parce que le discours est l’activité historique des sujets, et non simplement de l’emploi de la langue, qu’un texte est une réalisation et une transformation de la langue par le discours. Qui n’a lieu qu’une fois. Le sujet étant la fonction et l’effet de cette transformation.”